



LIDERANÇA E MODERNIDADE

Immanuel Kant, a mulher-objeto e a empresa brasileira

A receita é antiga, de 1784, e foi dada pelo filósofo alemão Immanuel Kant. Nos seus "Textos Seletos", ele propõe que no mundo existem coisas e pessoas, diferenciadas pelo seu valor. O valor das coisas é o preço. O das pessoas, a dignidade. Por isso, eu posso intercambiar coisas e não posso fazer o mesmo com pessoas. Estas eu posso substituir, por exemplo. Mas quem vai leva e quem vem traz consigo a sua dignidade. Posso comparar pessoas, mas não pela sua dignidade, que é um valor absoluto. Quando eu comparo, faço-o pelos atributos. Se é mais alta ou mais baixa, mais ou menos gorda etc.

Posso, no entanto, fazer uma coisa incrível. Coisificar uma pessoa, reificá-la (do latim res=coisa). Quando eu faço isso? Quando, para a avaliação de uma pessoa, eu uso exclusivamente o critério de utilidade. Quando a pessoa é vista só pela sua utilidade, vira uma coisa e adquire um preço. Isto é a mulher-objeto. É uma pessoa de quem eu desconsidero a dignidade porque só a vejo pela sua utilidade sexual. Na empresa, o critério de utilidade é a competência profissional. Se a pessoa for avaliada exclusivamente por este critério, estará sendo coisificada. O salário será o seu único interesse e o único vínculo com a instituição. Como competência profissional é fundamental, para que não exista esta reificação, é necessário que algo mais seja levado em consideração. Este algo mais é a possibilidade de que as pessoas vivam suas emoções no papel profissional. E é a primeira condição para o resgate da dignidade. A segunda condição é que as pessoas sejam tratadas como maiores, condição essencial para que possam ser autônomas.

Ser tratada como maior significa que a pessoa pode pensar por si mesma, ninguém pensa por ela. Ora, se ela pensa por si mesma, quando colocada diante de normas, pode entender o seu significado. E, caso façam sentido, aderir a elas. As normas passam então a ser próprias da pessoa: **auto**. E ela pode ser **autônoma** porque foi tratada como maior.



A dignidade é desconsiderada quando a pessoa é tratada como menor, isto é, quando alguém pensa por ela. Uma vez que não pensa, quando colocada diante de normas, não vai entender o seu significado. A norma estará fora dela - hetero. Ela será **heterônoma** e pendurada, pendente em quem pensa por ela, dependente. Se, ao contrário, é ela quem pensa, estará pendurada dentro de si mesma, **in**, será **independente**.

Pessoas **menores**, heterônomas e dependentes **apenas participarão** do processo. **Para que se comprometam precisam se tornar maiores**, autônomas e independentes.

Isto significa que, se eu quero conseguir **comprometimento, condição fundamental para o sucesso de qualquer processo de mudança**, é fundamental que a dignidade das pessoas seja respeitada e elas possam ser autônomas e independentes. Para isso, elas devem poder viver suas emoções no papel profissional e precisam ser tratadas como maiores.

Resumindo o que foi dito acima: aqui estão duas empresas completamente diferentes. De um lado, aquela onde a utilidade é o critério exclusivo, ou seja, onde a dignidade das pessoas é desconsiderada.

Do outro, uma empresa onde pessoas autônomas e maiores se comprometem com o processo.

Modernidade é transformar a primeira na segunda.

